

Fronteiras da interculturalidade: zona rural de Pelotas-RS e suas etnias

Maria de Fátima Bento Ribeiro
UFPEL

Cristiane Bartz de Ávila
UFPEL

Resumo: Este trabalho pretendedescrever o espaço que se constituiu na zona rural de Pelotas, situada no Rio Grande do Sul, e que foi permeado por culturas de diversas etnias. Durante o século XIX, destacamos a presença do português, do indígena e do negro, e neste contexto existiu uma grande animosidade em virtude de interesses antagônicos. Aproximando-se aos pressupostos da abolição, as autoridades adotaram como estratégia para ocupar o território a fundação de colônias, restringindo os espaços dos negros. Assim, foram fundadas colônias de imigrantes franceses, alemães, pomeranos e italianos. Cerqueira e Silva (2011), autores que nos ajudam na reflexão, escrevem que a zona rural em questão foi constituída por um mosaico cultural. Diante do exposto, acreditamos que se faz necessária a discussão acerca da convivência das etnias citadas, bem como da configuração das fronteiras estabelecidas a partir dessas experiências.

Palavras-chave: Interculturalidade. Cultura. Fronteira. Cidade. Espaço

Title: Frontiers of interculturality: Pelotas-RS hinterland and its ethnies

Abstract: This work intends to describe the space constituted in the rural district of Pelotas, located in Rio Grande do Sul, and that was permeated by cultures of diverse groups ethnics. During the nineteenth century, we highlight the presence of Portuguese, aboriginals and blacks, and in this context had a great animosity due to antagonistic interests. Approaching the assumptions of abolition, the authorities adopted as a strategy to occupy the territory the foundation of colonies, restricting the spaces used by blacks. Thus colonies of French, German, Pomeranian and Italian immigrants were founded. Cerqueira and Silva (2011), authors who help us in this reflection, write that the rural district in question was constituted by a cultural mosaic. In view of the above, we believe that it is necessary to discuss about acquaintanceship between ethnic groups cited, as well as the configuration of the borders established from these experiences.

Keywords: Interculturality. Culture. Border. City. Space.

Palavras iniciais

As fronteiras enquanto objeto de estudo permitem diferentes interpretações, permeadas de significações. Elas podem receber uma conotação positiva ou negativa, podem unir ou separar. Nesse entendimento, Wenders (2003) apresenta a positividade da fronteira, ao mesmo tempo que apresenta seu lado negativo conceituado a partir da

queda do muro de Berlim, invertendo o conceito ao defini-la como portadora de um “sentido de lugar”. De acordo com o autor, as histórias locais, ou a cultura local, são constituídas de cheiros e cores que lhe são peculiares e, essas “cores locais pertencem a uma paisagem, cidade, ou país” (p. 53). Os sentidos dos lugares “está intimamente relacionado com as fronteiras” (WENDERS, 2003, p. 53).

Refletir sobre o patrimônio das cidades é também trazer suas histórias, culturas, memórias, monumentos, portadores de um “sentido de lugar”, com seus bens tangíveis e intangíveis. Bhabha (2010) em seu livro *O local da cultura*, tem no conceito de fronteira uma das reflexões mais importante de sua obra, compreendendo que não é uma linha que separa duas culturas, e sim, um espaço onde se articula a diferença e onde se produz o hibridismo.¹

É nesse viés que pretendemos, neste texto, dar visibilidade à articulação de diferentes etnias na constituição de um Patrimônio em que cultura e visões de mundo se cruzam e se hibridizam, nas suas mais diferentes maneiras de organização cotidiana. Como canta o poeta Paulinho da Viola (1970), “a beleza do lugar, para se entender, tem que se

¹Ver Paula Monteiro. Trabalhos do crítico do Homi Bhabha tratam da identidade contemporânea . O Projeto Colonial. <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/resenha/rs14089916.htm>> . Acesso em 27/03/2017

achar²”, e é observando a formação das diferentes etnias que nosso objeto de estudo foi direcionado para a Serra dos Tapes, região que abrange a zona rural (colonial) de Pelotas, situada no Rio Grande do Sul, bem como alguns municípios vizinhos, tais como Morro Redondo, Canguçu, Arroio do Padre e parte de São Lourenço do Sul.

Vamos nos deter na zona rural (colonial) de Pelotas, apresentando algumas características culturais das etnias que ocuparam a região. Além de apresentar um panorama regional a partir do patrimônio cultural valorizado pelas diversas etnias, nosso interesse é, também, de contribuir com pesquisadores e educadores para que tenham em mãos mais uma fonte para o trabalho sobre educação patrimonial³.

Partindo dos estudos de De Certeau (1994), temos a ideia do espaço como um lugar praticado e é através das práticas que se dá sua legitimação. Na sua concepção, “não existe espacialidade que não organize a determinação de fronteiras” (p. 209). As pontes e as fronteiras, conceitos do autor, são os elementos mediadores e articuladores entre dois atuantes (atores, sujeitos).

Se bem o entendemos, apoiamos-nos em suas palavras para mapearmos o espaço da Cidade de Pelotas, como fronteira entre o centro urbano e a zona rural que estabelece a paisagem natural e sua peculiar

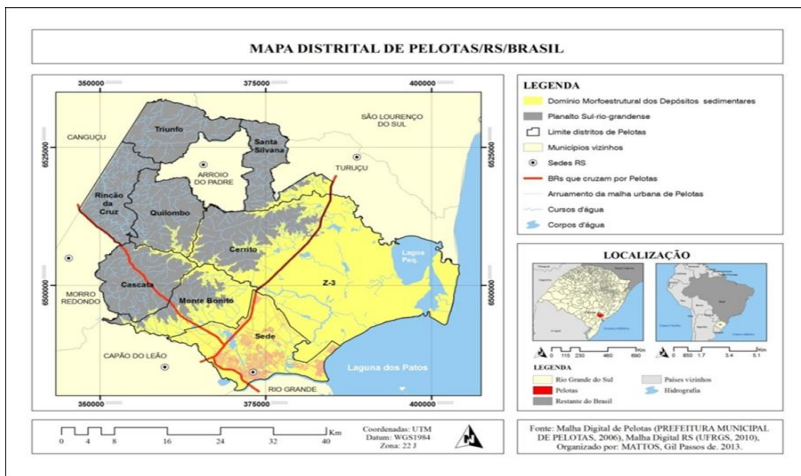
² Paulinho da Viola na sua bela canção em homenagem à Mangueira, em 1970, “Sei lá Mangueira”.

³A Educação Patrimonial, conforme Horta (1999), é “um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo” (p. 1).

toponímia. A partir do século XIX, podemos visualizar a Serra dos Tapes(zona rural), território diversificado a partir dos diversos elementos étnicos que ali se estabeleceram, ea zona urbana, território organizado pelas autoridades oficiais (representadas pelos colonizadores portugueses) e pelos charqueadores que representavam poder hegemônico constituído desde a época em que o Brasil era colônia de Portugal.

É importante ressaltarmos que a zona urbana mesmo sendo um espaço hegemônico do elemento português, vivenciou movimentos de resistência ao poder, como por exemplo, os “nucas raspada” que contavam com negros, escravizados, libertos ou aquilombados. Eles raspavam a nuca para servir como marca de referência do grupo que resistia à escravidão, às influências culturais dos outros elementos étnicos que contribuía para a conformação social da região.

Para ilustrarmos o que estamos tratando, apresentamos o mapa do município de Pelotas, a seguir. Na parte amarela está a região litorânea que, durante o século XIX, contava com a tradição charqueadora como fonte econômica, geradora da riqueza da região. A mão-de-obra utilizada nas charqueadas era predominantemente negra escravizada. Na parte cinza estão os distritos, com propriedades dos mesmos charqueadores da área urbana. Nestas propriedades consideradas rurais, denominadas chácaras, a mão-de-obra era igualmente negra escravizada, a diferença era o tipo de produção. Na Serra dos Tapes era produzida a alimentação, os tijolos e as telhas que abasteciam a zona urbana do município.



Fonte: Disponível em: Dissertação de mestrado (ÁVILA, 2014, p. 24)
Figura 1 – Mapa dos distritos de Pelotas

A diversidade étnica que se constituiu no processo de ocupação dos espaços mencionados, ocasionou uma pluralidade cultural que no decorrer do tempo levou os moradores a enfatizar e a valorizar aspectos de seu patrimônio cultural, tanto material quanto imaterial. Essa valorização cultural está relacionada com a preocupação de preservação de suas expressões culturais, denominadas pelas políticas de patrimônio como bens inatingíveis, com referência ao Patrimônio Cultural Imaterial. De acordo com Leal (2003), o Patrimônio Imaterial é uma mutação do conceito antropológico de cultura. Conforme o autor:

Segundo a UNESCO, compreenderia as Tradições e expressões orais, incluindo a língua como vetor do

patrimônio cultural imaterial; as artes do espetáculo; as práticas sociais, rituais e acontecimentos festivos; os conhecimentos e práticas que dizem respeito à natureza ao universo; os saberes fazeres ligados ao artesanato. E mais, [...] o reconhecimento da importância dos espaços culturais associados a uma ou várias dessas atividades. E nos vários documentos da UNESCO são também constantes as referências ao patrimônio cultural imaterial como uma expressão da diversidade cultural da Humanidade e a seu papel na afirmação da identidade cultural dos grupos. Finalmente o conceito de patrimônio cultural imaterial surge recorrentemente associado à ideia de que essas diferentes expressões culturais estariam ameaçadas de desaparecimento (LEAL, 2013, p. 04-05).

Para a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura), o Patrimônio Cultural Imaterial tem como foco a afirmação da identidade cultural. Nesse caminho, contemplamos o potencial da região, ainda que de forma sucinta, no tópico que segue.

1. As etnias

No século XIX, três etnias marcaram presença em nossa Cidade, sejam elas, o indígena, o negro e o português. Em pesquisas realizadas na região constatamos que o elemento indígena⁴, por exemplo, não aparece

⁴ Sobre o elemento indígena na região, podemos destacar pesquisa de Milheira(2014), como *aArqueologia Guarani na Laguna dos Patos e Serra do Sudeste*.

nas atas da câmara do município, já o elemento negro foi mencionado em documentos escritos pelas autoridades cujos objetivos eram coibir e punir as fugas e os aquilombamentos⁵.

Nesse sentido, as referências sobre as duas etnias, indígena e negra, podem ser adquiridas pela tradição oral pelotense. No caso, em entrevistas⁶ constatamos que os elementos significativos de seu patrimônio acabam sendo lembrados a partir do patrimônio natural da região. Dentre tantos, o nome “Serra dos Tapes”, por exemplo, remete aos antigos indígenas do grupo Tapes e, o “Índio Vieira”, patriarca da família quilombola, casado com uma escravizada que alcançou a alforria em 1888, deu origem à Comunidade Negra Rural do Alto do Caixão.

Outro elemento étnico constituinte dos primeiros tempos da colonização foi o português, que como colonizador, instituiu os valores europeus e deixaram como herança os monumentos característicos, dentre eles, os casarios, as senzalas e as Igrejas Católicas⁷.

Já no período pré-abolição, conforme Magalhães (2011), as autoridades registraram documentos que estavam estudando o local para implementar colônias de imigrantes que ocupassem a região para que

⁵ Citamos como exemplo, o Processo Crime contra o quilombola Mariano, integrante do grupo chefiado pelo quilombola Manuel Padeiro. Esse processo encontra-se arquivado na APERGS, Município de Pelotas, Cartório do Júri n. 81, Maço 3A, 141 E7, E/141c CX:006.0300.

⁶ As entrevistas foram realizadas no ano de 2013, quando estava sendo realizada a pesquisa de campo da dissertação intitulada *Entre Esquecimentos e Silêncios: A figura de Manuel Padeiro e a Memória da Escravidão no Distrito de Quilombo, Pelotas:RS*, defendida no ano de 2014, pela Universidade Federal de Pelotas.

⁷ A título de exemplo, a Igreja Sant’Ana na Colônia Maciel, Distrito Rincão da Cruz.

não deixassem tantas terras livres para os aquilombados ou libertos. Dessa forma, a região foi sendo ocupada por outras etnias, destacando-se os franceses, alemães, pomeranos e italianos, que foram agenciados por empresas particulares ou pelas próprias autoridades.

Tratando-se da etnia francesa, Betemps (2010) relata que esta influenciou tanto a zona urbana quanto a zona colonial da nossa Cidade. Em suas palavras:

A presença de franceses antes de 1874, data de sua entrada como colonos, era feita de caráter espontâneo e geralmente buscavam habitar as vilas porque eram em sua maioria professores, artistas e comerciantes. E Pelotas, com certeza, estava entre as cidades mais procuradas pelos imigrantes, primeiro por ser um dos maiores núcleos urbanos e também por ser uma cidade onde a cultura européia era marcante, onde havia muitas inovações que, comparadas com outras cidades da Província, demonstravam seu desenvolvimento e modernização (BETEMPS, 2010, p. 02).

Nessa época de desenvolvimento, os professores franceses foram os responsáveis pelas primeiras instruções na Cidade, ministrando aulas particulares. É nessa época também, que com sua influência foram fundados os primeiros colégios. Ainda com relação ao núcleo francês na zona rural, Betemps (2010) afirma:

Nosso município abriga a única colônia francesa existente no Rio Grande do Sul, este fato torna a colônia de Santo Antônio, no distrito do Quilombo, um rico exemplar desta colonização no Estado e

também um recanto peculiar para a história da imigração gaúcha. As famílias francesas foram a base para a origem de quatro núcleos coloniais (GRANDO, 1986, p.103) na Província do Rio Grande do Sul, porém apenas em Santo Antônio um núcleo com franceses encontrou condições de se reproduzir e se manter economicamente (BETEMPS, 2010, p. 03).

A permanência dos franceses na zona rural teve o apoio governamental, diferentemente de outros núcleos do Estado que foram diluídos pelos ítalo-germânicos, como é o exemplo de Bento Gonçalves e Montenegro. A sua participação nesse espaço foi tão relevante que ainda temos elementos significativos do patrimônio cultural preservados, podendo ser citados o Obelisco, símbolo da colonização, e o Museu da Colônia Francesa⁸.

Em relação aos alemães, recorreremos aos estudos de Teixeira (2004). A autora escreve que a fundação da primeira colônia alemã foi na Serra dos Tapes, mais precisamente “em 1868, denominada Colônia Arroio do Padre, por Augusto Gerber e Guilherme Baner, que possuía em 1900, 74 lotes com 67 famílias alemãs e um total de 385 pessoas”(p.04). Outro autor que nos ajuda nesta descrição é Fachel (2017). Em suas palavras, no *website* da Família Roennau:

A região de Pelotas vivenciou um processo de colonização atípico, pois os imigrantes alemães foram fixados de forma descontínua, entre colônias

⁸A comunidade francesa mobilizou-se para a construção deste museu na tentativa de guardar sua memória.

de outras etnias, na periferia de um município luso-brasileiro. Esse foi um dos fatores de maior vulnerabilidade dos “alemães”, na parte meridional do Rio Grande do Sul, durante as perseguições características da Segunda Guerra Mundial no Brasil. Devido a proibição dos colonos se deslocarem livremente para a sede do município (a exigência dos “salvo condutos” comprova isso), ficaram praticamente presos nas colônias. A existência de uma forte estrutura militar, policial, eclesiástica católica e administrativa, dominada pelos luso-brasileiros no município, agravou esses problemas[grifos do autor] (FACHEL, 2017).

Nesse cenário, reparamos que as dificuldades dos imigrantes alemães foram maiores na época da II Guerra Mundial com a proibição da utilização de vários elementos de sua cultura, destacando-se a língua e a religião. A Igreja Luterana, denominada como *Comunidade Evangélica Luterana*, localizada na Comunidade de Santo Antônio, pode ser apontada como um elemento importante para rememorarmos o patrimônio cultural alemão da região.

Quanto aos pomeranos, cabe destacarmos que estes provêm de uma região situada no norte da Polônia e na costa sul do mar Báltico, na Alemanha, e entre as duas margens dos rios Vístula e Odra, atingindo, a oeste, o rio Recknitz. Durante a Idade Média, foram vassalos do Sacro-Império-Romano-Germânico, e com sua dissolução passaram para o domínio da Prússia e posteriormente, da Alemanha. Só durante o século XIX, que muitas famílias migram para o Brasil.

A chegada dessas famílias esteve atrelada ao movimento de colonização da Serra dos Tapes, nos municípios que atualmente são São Lourenço do Sul e Pelotas. Várias tentativas de colonização tinham sido realizadas nessa área, especialmente por empresas particulares, porém, não obtiveram o sucesso esperado. Uma das iniciativas positivas foi a do empresário alemão Jacob Rheigantz, natural de Sponheim-Alemanha, no ano de 1856, que após ter obtido autorização do Governo Imperial, formou uma sociedade com o lourenciano Cel. José Antônio de Oliveira Guimarães, para a aquisição de terras destinadas aos núcleos coloniais.⁹

Dentre os vários aspectos patrimoniais existentes na zona rural de Pelotas, e no recém emancipado Município de Arroio do Padre, antes um distrito pelotense, utilizamos como exemplo, a arquitetura produzida pelos descendentes de imigrantes pomeranos nas Colônias Osório e Py Crespo, localizadas no Cerrito Alegre, terceiro distrito, estudada por Bosenbecker (2012). Segundo a autora, os pomeranos dedicaram bastante atenção à igreja local, elemento significativo de seu patrimônio. Utilizando-nos de sua formulação, “[...] os sítios estudados pertencem ao grupo de fundadores da Comunidade Palmeira, associação religiosa luterana livre daquela localidade [...]”. A “Comuna Escolar Religiosa Palmeira” foi fundada, com este nome, no dia 20 de fevereiro do ano de 1949, por nove famílias associadas

⁹ Sobre esse assunto ver Giancarla Salomoni, no artigo publicado com o título “ A Imigração Alemã no Rio Grande do Sul – O caso da Comunidade Pomerana em Pelotas”. IN: http://www2.ufpel.edu.br/ich/ndh/downloads/historia_em_revista_07_Giancarla_Salomoni.pdf. Acesso em 27/03/2017

que buscavam suprir a necessidade de uma escola para seus filhos [grifos da autora] (BOSENBECKER, 2012, p.44-49).

Por último, mas não menos importante, evidenciamos os italianos. Para escrevermos sobre essa etnia, valemo-nos do estudo de Pomatti (2010) ao se referir da imigração italiana na zona rural de nossa Cidade. Segundo ela, “em nove das colônias mencionadas foram encontrados elementos italianos, que se instalam de forma mais significativa, na zona rural, com a implantação das colônias oficiais, na década de 1880. Entre essas está a Colônia Maciel (1885), fundada pelo Governo Imperial” (POMATTI, 2010, p.7).

Em lembrança a essa imigração, funcionava até o dia 13 de fevereiro, o Museu Etnográfico da Colônia Maciel, organizado por bolsistas da Universidade Federal de Pelotas e coordenado pelo Prof. Dr. Fábio Vergara Cerqueira da mesma instituição, assim como o Museu da Colônia Francesa. Este espaço buscava valorizar a memória das famílias italianas daquela região, mas infelizmente, no dia 13 de fevereiro de 2017, o telhado do prédio desabou, trazendo um enorme prejuízo para o acervo que foi removido para outro espaço, com segurança para que os técnicos possam realizar a restauração do acervo que sobrou desse acidente.

Ainda na cultura italiana, há o exemplo da Família Gruppelli que incentiva a preservação da memória de sua etnia italiana e alemã através da fundação e manutenção do Museu Gruppelli, instalado no prédio da família, também auxiliado por pesquisadores e bolsistas da UFPel. Neste

Museu, que outrora serviu para hospedagem aos viajantes, conta no seu acervo com objetos de decoração, artefatos agrícolas, utensílios domésticos, material didáticos, fotografias e documentos.¹⁰

Assim, encerramos uma breve descrição dos elementos patrimoniais que são apontados pelas etnias locais como sendo importantes para que seja rememorada a história dos mesmos. Enfatizamos que na maioria são elementos patrimoniais da cultura material, representada em prédios, monumentos, objetos e patrimônio natural. Entretanto, podemos escrever que por trás da subjetividade constituinte está o patrimônio imaterial de cada um.

O mosaico étnico que constitui a zona rural de Pelotas possibilitou uma hibridização cultural¹¹ que nos é apresentada nos saberes-fazer das famílias que permaneceram na região. Podemos citar como exemplos, os doces coloniais, as plantações de uva e a fabricação de sucos e vinhos, a produção de cucas, *schimiers*, as plantações de pêssegos e outras frutas típicas, os jogos de boxa e, também, o característico futebol colonial.

A imagem do mosaico étnico que traz Cerqueira(2011) é rica para quem se propõe estudar as fronteiras da interculturalidade. No nosso caso é o reconhecimento da diversidade na formação da colônia de Pelotas, uma

¹⁰

Conforme

site

<<http://pelotacolonial.com.br/site/content/empreendimentos/restaurante-museu-e-pousada-grupelli>>. Acesso em 31/03/2017.

¹¹ Canclini entende: “[...]por hibridização processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas.”(Canclini, p. XXIII, 2008.

mistura de culturas formadoras de nosso país. Em suma, o Brasil é um mosaico étnico, com portugueses e imigrantes oriundos dos mais diversos países da Europa, índios e negros originários das mais diferentes regiões do continente africano. Nesse sentido, a interculturalidade pressupõe o diálogo com o outro, com o diferente e, todo o diálogo, pressupõe uma negociação, como nos ensina Arjun Appadurai (2008).

Palavras finais

Ao encerrarmos a descrição de como se estabeleceram em Pelotas, especificamente na zona rural, algumas etnias que se destacaram ao longo do processo de colonização, procuramos apontar alguns elementos do patrimônio cultural considerados importantes para os mesmos. Devido ao isolamento dos grupos e às dificuldades encontradas pelo descumprimento das promessas das autoridades, os colonos precisaram se auto-ajudar. Muitos deles produziam para seu próprio consumo e o excedente vendiam na zona urbana para comprar o que não tinham na colônia, assim a partir da busca de sustentabilidade muitas estratégias foram sendo criadas. Neste contexto, a própria educação e a religiosidade tiveram que ser pensadas por eles próprios, e alguns saberes-fazer tornaram-se fonte de renda.

A interculturalidade, neste caso, tornou-se presente entre as etnias, que foram migrando de localidades em função de compras de terras e de casamentos. Atualmente, podemos encontrar crianças quilombolas que falam em pomerano, jogos de boxa, produção de doces artesanais,

campeonatos de futebol, crianças que convivem na mesma escola sem diferenciação de etnia etc. Entretanto, não podemos afirmar que esse processo se deu e, ainda se dá, de forma tranquila, pois existem interesses que levam os sujeitos a reivindicarem seu espaço, e em outros momentos, os fazem calar.

Nesse ínterim, compreendemos que as variadas culturas, ideias e interesses foram aglutinados neste território, ocasionando conflitos que foram silenciados pela força econômica da situação. A interculturalidade pregada por Appadurai (2008), se pensada superficialmente, pode parecer que está facilmente identificada nesse processo aglutinatório, todavia, se analisada com mais cuidado, pode-se perceber que alguns grupos ainda não têm voz política para participar da valorização cultural e das decisões econômicas sobre a região em que vivem, de forma mais igualitária, estabelecendo-se fronteiras por ora inexistentes.

Referências

APPADURAI, Arjun. *Entrevista: só nos resta dialogar com o 'outro'*. À Vitor Belanciano [em linha]. out., 2008. Fonte: Disponível em: <www.globalizacao/cosmopolitismo/internet>. Acesso em: 30/05/2008.

ÁVILA, Cristiane. *Entre Esquecimentos e Silêncios: A figura de Manuel Padeiro e a Memória da Escravidão no Distrito de Quilombo, Pelotas:RS*. 2014. 179f. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pelotas – ICH/UFPel. Pelotas, 2014.

BETEMPS, Leandro. *Aspectos da colonização francesa em Pelotas*. Projeto Brasil-França. v. 5. 2010. Fonte: Disponível

em:<https://projetoBrasilFranca.files.wordpress.com/2010/05/leandro_ra_mos_betemps_volume_05.pdf>. Acesso em: 29/03/2017.

BHABHA, Homi. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.

BOSENBECKER, Vanessa. Influência Cultural Pomerana: Permanência e adaptações na arquitetura produzida pelos fundadores da Comunidade Palmeira, errito Alegre, Terceiro Distrito de Pelotas (RS). 2012. 144f. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Pelotas – UFPEL. Pelotas, 2012.

CERQUEIRA, FÁBIO; SILVA, Karen. Serra dos Tapes: mosaico de tradições étnicas e paisagens culturais. In: *IV Simpósio Internacional em Memória e Patrimônio*. "Memória, Patrimônio e Tradição". 22 a 24 de set., 2010. Pelotas/RS. *Anais do IV SIMP*. Editora e Gráfica Universitária. Universidade Federal de Pelotas, 2010. v. 1. p. 872-874.

DE CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

FACHEL, Plínio. História antiga e atual sobre os imigrantes. Fonte: Disponível em: <<http://familiaronnau.webnode.com.br/curiosidades/as%20viol%c3%aanacias%20contra%20os%20alem%c3%a3es%20e%20seus%20descendentes/>>. Acesso em: 28/03/2017.

LEAL, João . Agitar antes de usar: antropologia e o patrimônio cultural imaterial. *Memória em Rede*, Pelotas, n. 9, v. 3, jul./dez., 2013.

MAGALHÃES, Mário. *Atas da Câmara Municipal de Pelotas (1832-1845)*. Santa Maria: Gráfica Editora Pallotti, 2011.

POMATTI, Angela Beatriz. A Questão da Colonização e da Imigração em Pelotas: Italianos na Colônia Maciel. Fonte: Disponível em: <http://www.eeh2010.anpuh-rs.org.br/resources/anais/9/1279484423_ARQUIVO_sas.pdf>. Acesso em 27/03/2017.

TEIXEIRA, Rejane. Zona Rural de Pelotas: Desenvolvimento para o Turismo. *Caderno Virtual de Turismo*. n. 3, v. 4, 2004. Fonte: Disponível

em:<<http://docslide.com.br/documents/zona-rural-de-pelotas.html>>.

Acesso em: 27/03/201.

WENDERS, Wim. Cinema além fronteiras. In: MACHADO, Cassiano Elek(org.). *Pensar a Cultura*. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2013.